

« Pirro » do *Dictionnaire Historique et Critique*

Pierre Bayle

É em relação a esta ciência divina [a teologia] que o pirronismo é perigoso, pois não se vê como ele o possa ser nem no que diz respeito à Física nem no que concerne ao Estado. Pouco importa a alegação de que o espírito do homem é por demais limitado para descobrir verdades naturais, as causas do calor, do frio, do fluxo do mar, *etc.* Devemos nos contentar em buscar hipóteses e agregar experiências. Estou certo de que pouquíssimos entre os bons físicos deste século não estão convencidos de que a natureza é um abismo impenetrável e de que seus mecanismos só são conhecidos por quem os fez e dirige. Assim, neste ponto, todos os filósofos são acadêmicos e pirronistas. A vida civil nada tem a temer destes espíritos, pois os céticos não negam que devamos conformarmo-nos com os costumes de nosso país, praticarmos os deveres da Moral e tomarmos decisões a respeito destas coisas, considerando-as como probabilidades, sem esperar certeza. Eles podem suspender o juízo a respeito da questão de se um certo dever é naturalmente e absolutamente legítimo, mas não quanto à sua prática em determinadas circunstâncias. É pois só a religião que deve temer o pirronismo : ela deve apoiar-se na certeza; seu fim, efeitos e prática (utilidade) se desmoronam assim que a firme persuasão de suas verdades se apaga da alma. Mas isto não deve ser causa de preocupação. Somente existe e somente existirá um pequeno número de pessoas sujeitas a serem enganadas pelas razões dos céticos. A graça de Deus nos fiéis, a força da educação nos outros homens e mesmo — se se quiser — a ignorância¹ e a inclinação natural a

1 Dizia Simonides : « estas pessoas não são suficientemente sofisticadas para serem enganadas por um homem como eu ». Balzac dizia a mesma coisa das moças de sua cidade. Arquesilau lamentava ter de lidar com inimigos que não entendiam da guerra : seus estratagemas eram inúteis, não podendo ele enganar tropas mal aguerridas.

tomar decisões constituem um escudo impenetrável aos dardos dos pirronistas, muito embora esta seita hoje se imagine mais forte do que o era antigamente. Vejamos em que ela fundamenta esta estranha pretensão.

Há cerca de dois meses um homem muito hábil me relatou em detalhes um debate por ele assistido. Dois abades, um dos quais conhecia somente o seu ofício ao passo que o outro era bom filósofo, se engajaram em uma calorosa e áspera disputa. O primeiro havia dito, bastante friamente, que perdoava os filósofos do paganismo por haverem vagado na incerteza das opiniões, mas que não podia compreender como era possível ainda haver infelizes pirronistas sob a luz do Evangelho. « Você se equivoca », disse o outro abade, « ao raciocinar deste modo. Se Arquésilau retornasse a este mundo e combatesse nossos teólogos, ele seria mil vezes mais terrível do que o foi contra os dogmáticos da Grécia antiga : a teologia cristã lhe forneceria argumentos insolúveis ». Todos os presentes ouviram esta afirmação com espanto e pediram ao abade que se explicasse melhor, convencidos que estavam de ter o abade deixado escapar um paradoxo que levaria somente à sua própria refutação. Eis o que respondeu, voltando-se para o primeiro abade :

« Abro mão das vantagens que a nova filosofia acaba de trazer aos pirronistas. Quase não se conhecia o nome de Sexto Empírico nas nossas Escolas. Os meios de se obter a *epoche*, por ele tão sutilmente propostos, não eram então mais conhecidos do que a terra Austral até que Gassendi² abriu nossos olhos ao nos dar um resumo « dos tropos ». O cartesianismo deu o acabamento final a esta obra e hoje nenhum bom filósofo duvida que os céticos tinham razão em sustentar que as qualidades dos corpos que atingem nossos sentidos não passam de aparências. Cada um de nós pode bem dizer, 'eu sinto calor na presença do fogo', mas não 'eu sei que o fogo é, em si mesmo, tal como me aparece'. Este era o modo de falar dos pirronistas antigos. Hoje a nova filosofia fala mais positivamente : o calor, o odor, as cores, *etc.* não estão nos objetos dos nossos sentidos, eles são modificações da minha alma : eu sei que os corpos não são tais como me aparecem. Bem que se quis excetuar a extensão e o movimento, mas tal não foi possível, pois dado que os objetos dos nossos sentidos nos aparecem coloridos, quentes, frios, cheirosos, embora eles não o sejam, por que não podem aparecer extensos e figurados, em repouso e em movimento, embora não sejam nada disso ?³ Além disso, os objetos dos sentidos não poderiam ser a causa das minhas sensações : eu poderia portanto sentir frio e calor, ver as cores e figuras, a extensão e o movimento, ainda que não houvesse nenhum corpo no universo.

2 No seu livro de Lógica, cap. 3, p. 72 e seguintes do primeiro volume de suas *Oeuvres*, ed. de Lyon, 1658.

3 O abade Foucher propôs esta objeção em sua *Critique de la Recherche de la Verité*, o padre Malebranche não a respondeu. Ele se deu bem conta da força da objeção. Veja a nota seguinte.

Não tenho, portanto, nenhuma boa prova⁴ da existência dos corpos. A única prova que me pode ser dada precisa ser tirada⁵ do fato de que Deus me enganaria se imprimisse em minha alma as idéias que tenho dos corpos sem que estes existissem efetivamente. Mas esta prova é bastante frágil, ela prova demais. Desde o início do mundo, todos os homens — salvo, talvez, um entre duzentos milhões — crêem firmemente que os corpos são coloridos, e isto é um erro. Eu pergunto : Deus engana os homens no que diz respeito a estas cores ? Se Deus os engana a este respeito nada o impede de também os enganar a propósito da extensão. Esta última ilusão não será menos inocente, nem menos compatível com o ser soberanamente perfeito, do que a primeira. Se ele não os ilude quanto às cores, isto será sem dúvida porque ele não os faz invencivelmente dizer 'estas cores existem fora da minha alma' mas somente 'parece-me que existem cores nos corpos'. O mesmo pode ser sustentado a respeito da extensão. Deus não nos faz invencivelmente dizer 'ela existe', mas somente julgar que a sentimos e que nos parece que ela existe. Um cartesiano não deveria ter mais dificuldade em suspender seu juízo sobre a existência da extensão do que um camponês em se abster de afirmar que o sol brilha, que a neve é branca, etc. Assim, se nos enganamos ao afirmarmos a existência da extensão, Deus não é a causa, já que segundo vocês ele não é a causa dos erros do camponês. Estas são as vantagens que estes novos filósofos trouxeram para os pirronistas mas sobre as quais não insistirei.»

O abade filósofo declarou em seguida ao outro que para se tentar conseguir alguma vitória sobre o pirronista é antes de mais nada necessário provar que a verdade é certamente reconhecível por certas marcas usualmente chamadas de *criterium veritatis*. « Você observaria com razão ao cético que a evidência é a marca da verdade, pois se ela não o fosse nada o seria », « Que seja », ele te dirá, « é aqui que te esperava. Eu te farei ver que coisas que você rejeita como falsas possuem a maior evidência. (I) É evidente que coisas que são diferentes de uma terceira são diferentes entre si. Esta é a base de todos os nossos raciocínios, a base sobre a qual todos os nossos silogismos são fundamentados. Não obstante, a revelação do mistério da Trindade nos assegura que este axioma é falso. Pode inventar tantas distinções quantas quiser, ainda assim não mostrará jamais que esta máxima não é desmentida por este grande mistério. (II) É evidente que não há diferença alguma entre indivíduo, natureza e pessoa. Entretanto, este mesmo mistério nos convenceu de que as pessoas podem ser multiplicadas sem que os indivíduos e as naturezas deixem de ser únicas. (III) É evidente que para se constituir um

4 O padre Malebranche mostra num *Eclaircissement sur la Recherche de la Verité* que é extremamente difícil provar a existência de corpos e que somente a fé nos pode convencer de sua existência efetiva.

5 Ver o capítulo 28 do tratado do Sr. Arnauld *Des Vraies et des Fausses Idées* no qual refuta o *Eclaircissement* acima referido do padre Malebranche por razões todas derivadas deste princípio.

homem que seja cabalmente uma pessoa basta unir um corpo humano a uma alma racional. Entretanto, o mistério da Encarnação nos ensinou que isto não é suficiente. De onde se segue que nem você nem eu podemos nos assegurar de que somos pessoas, pois se fosse essencial para a formação de uma pessoa a união de um corpo humano a uma alma racional, Deus não poderia jamais fazer com que a união destas duas partes não constituísse uma pessoa. É pois necessário concluir que a personalidade lhes é puramente accidental. Mas todo acidente é separável da substância por várias maneiras, é pois possível a Deus nos impedir por diversos meios de sermos pessoas, muito embora sejamos compostos de corpo e alma : e quem nos garantirá que ele não se serve de alguns destes meios para nos privar da personalidade ? É ele obrigado a nos revelar todas as maneiras de que dispõe de nós ? (IV) É evidente que um corpo humano não pode estar em vários lugares ao mesmo tempo e que uma parte não pode ser penetrada pelas outras em ponto indivisível. Entretanto, o mistério da Eucaristia⁶ nos ensina que estas duas coisas acontecem todos os dias. Como consequência, nem você nem eu podemos estar certos se somos distintos dos outros homens ou se não estamos... no Canadá, no Japão, e em cada cidade do mundo, em cada lugar sob diferentes formas. Já que Deus não faz nada em vão, criaria ele muitos homens quando somente um — criado em vários lugares e revestido de diversas qualidades em cada lugar — seria suficiente ? Esta doutrina nos faz perder a certeza que depositamos nos números pois já não se sabe o que é dois e três, não sabemos o que é a identidade e a diversidade. Se julgamos que Pedro e Paulo são dois homens, isto se deve somente ao fato de que os vemos em lugares diferentes e porque um não possui as propriedades do outro. Mas de acordo com o dogma da Eucaristia este fundamento da distinção é inteiramente nulo. Talvez haja uma só criatura no universo, multiplicada pela produção em diversos lugares e pela diversidade de qualidades. Fazemos grandes regras de aritmética como se houvesse muitas coisas distintas⁷. Quimeras. Não somente não sabemos se existem dois corpos como nem sabemos se existe um corpo e um espírito, pois, se a matéria é penetrável, é claro que a extensão não passa de um acidente dos corpos, sendo o corpo portanto essencialmente uma substância não-extensa. Poderá assim apresentar todas as propriedades que atribuímos ao espírito : o entendimento, a vontade, as paixões, as sensações. Não restará, portanto, nenhum critério que nos permita determinar se uma substância é de natureza espiritual ou corporal. (V) É evidente que as modificações de uma substância não podem subsistir fora da substância que elas modificam.

- 6 Note que é um abade quem fala. Eu sou obrigado a fazer esta observação nesta segunda edição porque vários religiosos ficaram chocados ao verem os mistérios da Trindade e o da Encarnação colocados no mesmo nível dos dogmas da presença real e da transsubstanciação.
- 7 Note que se um corpo pode ser produzido em vários lugares; todo outro ser, espírito, lugar, acidente, etc. pode ser multiplicado da mesma maneira, não havendo portanto uma multidão de seres, ficando tudo reduzido a um único ser criado.

Entretanto, o mistério da transubstanciação nos ensinou ser isto falso. Assim todas as nossas idéias ficam confusas. Já não há maneira de se definir a substância, pois se o acidente pode subsistir fora de qualquer substrato, a substância poderá, por sua vez, subsistir de maneira dependente de uma outra substância, como os acidentes. O espírito poderá subsistir à maneira dos corpos da mesma forma que na Eucaristia a matéria subsiste à maneira dos espíritos. Estes últimos poderiam ser impenetráveis assim como a matéria é penetrável na Eucaristia. Mas se aprendemos a falsidade de tantas noções evidentes e de tantas definições certas quando passamos das trevas do paganismo para a luz do Evangelho, o que não acontecerá quando passarmos da obscuridade desta vida para a glória do paraíso ? Não é claro que descobriremos a falsidade de milhares de coisas que nos parecem incontestáveis ? Vamos portanto tirar proveito da temeridade dos que, vivendo antes do Evangelho, afirmaram certas doutrinas evidentes como verdadeiras, mas cuja falsidade nos foi revelada pelos mistérios da nossa teologia.

« Passemos à Moral. (I) É evidente que se deve impedir o mal quando se pode fazê-lo e que se peca quando se permite que ele ocorra quando se poderia tê-lo evitado. Entretanto, nossa teologia nos mostra que isto é falso. Ela nos ensina que Deus não faz nada que seja indigno de suas perfeições quando ele tolera todas as desordens que existem no mundo, as quais poderia facilmente evitar. (II) É evidente que uma criatura que não existe não poderia ser cúmplice de uma ação malévola e que é injusto puni-la como cúmplice desta ação. Entretanto, nossa doutrina do pecado original nos mostra a falsidade destas evidências. (IV) É evidente que se deve preferir o justo ao útil e que quanto mais santa é uma causa menos pode ela subordinar o justo ao útil. Entretanto, nossos teólogos nos dizem que tendo de escolher entre um mundo perfeitamente bem regrado e ornado de todas as virtudes e um mundo como este onde o pecado e a desordem predominam, Deus preferiu este àquele porque nele melhor se realizavam os interesses de sua glória. Você me dirá que não se deve medir os deveres do Criador com o padrão de nossos deveres. Mas se você alegar isto você cairá na rede dos seus adversários. É justamente aqui que eles te querem. Seu principal objetivo⁸ é provar que a natureza absoluta das coisas nos é desconhecida e que nós só conhecemos algumas de suas relações. Nós não sabemos, dizem eles, se o açúcar é doce em si mesmo. Sabemos apenas que ele nos parece doce quando é colocado sobre nossa língua. Não sabemos se esta ação é justa em si mesma e em sua natureza. Cremos apenas que ela possui a exterioridade da justiça a respeito de alguém e dadas certas circunstâncias, mas o mesmo não se pode dizer dela em outros aspectos e relações. Veja então a que você se expõe ao dizer que as

8 A força da lógica dos cétricos se reduziria a um tropo. 'É o da relação, o oitavo na ordem dos dez, pelo qual os seguidores desta seita nos fazem ver que nós só julgamos as coisas por comparação...' La Mothe Le Vayer, *De la Vertu des Payens*, tom. 5, pag. 217.

idéias que temos da justiça e da correção admitem exceções e são relativas. Veja também que quanto mais você elevar o privilégio de Deus de não agir segundo nossas idéias mais você destruirá o único meio que te restou para provar a existência dos corpos, a saber, que Deus não nos engana e que ele o faria se o mundo corporal não existisse. Mostrar um espetáculo a todo um povo sem que ocorra nada fora do espírito seria um ato enganador. Fariam a você a objeção de que é necessário distinguir dois casos : fosse um rei o autor da ação enganosa, *concedo*, mas sendo Deus, *nego*, pois as prerrogativas de Deus são bem outras que as dos reis. Além do que, se as exceções que você faz aos princípios da moral estão fundamentadas na infinita incompreensibilidade de Deus, então não poderei jamais me assegurar de nada, pois jamais poderia compreender toda a extensão das prerrogativas divinas. E concluo da seguinte maneira : se existisse uma marca pela qual se pudesse conhecer com certeza a verdade tal marca seria a evidência. Mas a evidência não é esta marca já que ela é compatível com falsidades, portanto *etc.* »

O abade a quem todo este discurso se destinava mal podia conter-se sem interrompê-lo. Ele o escutou demonstrando visíveis sinais de sofrimento e quando viu que não se falava mais manifestou uma estranha cólera contra os pirronistas, sem demonstrar complacência alguma para com o relator das dificuldades colocadas pelos pirronistas contra os sistemas da teologia. Modestamente lhe foi observado que todos bem sabiam que tais dificuldades não passavam de sofismas mas que, não obstante, seria razoável que todos aqueles que desprezam os céticos soubessem o verdadeiro estado das coisas. « Você até aqui acreditou », completou, « que um pirronista não saberia te embarçar. Responda-me então : você está com quarenta e cinco anos, você não o duvida. E se existir algo de que você esteja certo, é de que você é a mesma pessoa que recebeu a Abadia de ... há dois anos atrás. Eu te mostrarei que você não tem nenhuma boa razão para estar certo disto. Argumento a partir dos princípios da nossa teologia. Sua alma foi criada, é pois necessário que a cada momento Deus renove sua existência, pois a conservação das criaturas é uma criação continuada. Como pode você saber se nesta manhã Deus não permitiu que sua alma — que ele vinha continuamente criando até então desde o primeiro momento de sua vida — recaísse no nada ? Como pode você saber se Deus não criou uma outra alma com as mesmas modificações⁹ que a sua possuía ? Esta nova alma seria a que você tem no presente. Mostre-me o contrário e os presentes julgarão a minha objeção. »

Um teólogo sábio que lá se encontrava tomou a palavra e reconheceu que uma vez suposta a criação era tão fácil para Deus criar a todo momento uma alma nova quanto reproduzir a mesma. Entretanto, as idéias de sua sabedoria e sobretudo as luzes que tiramos de sua Palavra podem nos assegurar que

9 Quer dizer, com as reminiscências que ele teria reproduzido se tivesse continuado a criar a alma do abade.

temos hoje uma alma idêntica à que tivemos ontem, anteontem, etc. Ele concluiu que não se deveria perder tempo brigando com os pirronistas nem imaginar que seus sofismas pudessem ser facilmente refutados pelas meras forças da razão. O que era acima de tudo necessário era fazê-los sentir a enfermidade da razão para que este sentimento os levasse a recorrer a um guia melhor, que é a fé. Este é o assunto da próxima nota.

Tradução: José R. Maia Neto

Nota do Tradutor

Pierre Bayle (1647-1706) nasceu em uma pequena vila no sul da França. Filho de um pastor protestante em uma época de intensa perseguição religiosa, Bayle refugiou-se na Holanda em 1681 onde tornou-se o principal observador das polêmicas religiosas e filosóficas da segunda metade do século XVII. Manteve contato com Locke, Malebranche, Arnauld, Boyle e Leibniz entre outros e publicou, de 1684 a 1687 a Nouvelles de la République des Lettres, publicação periódica, pioneira no gênero, contendo resenhas de livros filosóficos, científicos, teológicos e históricos.

A obra prima de Bayle é o Dictionnaire Historique et Critique. O Dicionário contém breves notícias biográficas de figuras históricas diversas, muitas delas obscuras e secundárias, que servem de pretexto para uma exame detalhado (que Bayle apresenta em notas de pé-de-página) de eventos históricos e políticos e, sobretudo, de doutrinas filosóficas. As notas de Bayle constituem, em seu conjunto, a maior concentração de objeções céticas às filosofias modernas jamais produzidas por um só escritor. Bayle aponta problemas e/ou deriva absurdos das filosofias de Descartes, Espinosa, Malebranche, Hobbes, Leibniz, Locke e Newton, para citar somente os filósofos mais importantes.

A nota que traduzimos neste volume é uma das mais famosas de Bayle. Ilustrativa da sua ironia, a nota revela o conhecimento de Bayle das polêmicas filosóficas em torno do cartesianismo no período e apresenta duas de suas teses mais polêmicas, a saber, que a filosofia moderna, em particular o cartesianismo, conduz a uma fortificação (e não a uma refutação) do ceticismo e que as doutrinas cristãs não suportam um exame racional.

O Dicionário foi bastante influente no Iluminismo. A perspectiva filosófica cética de Bayle influenciou Hume e a religiosa influenciou Voltaire e Diderot. Posteriormente sua influência declina mas não desaparece, o Dicionário continuando a servir de munição tanto para críticos do cristianismo como para pensadores cristãos que rejeitam a fundamentação racional da fé. Feuerbach escreveu um livro sobre Bayle e Kierkegaard leu atentamente o Dicionário pouco antes de escrever suas principais obras.